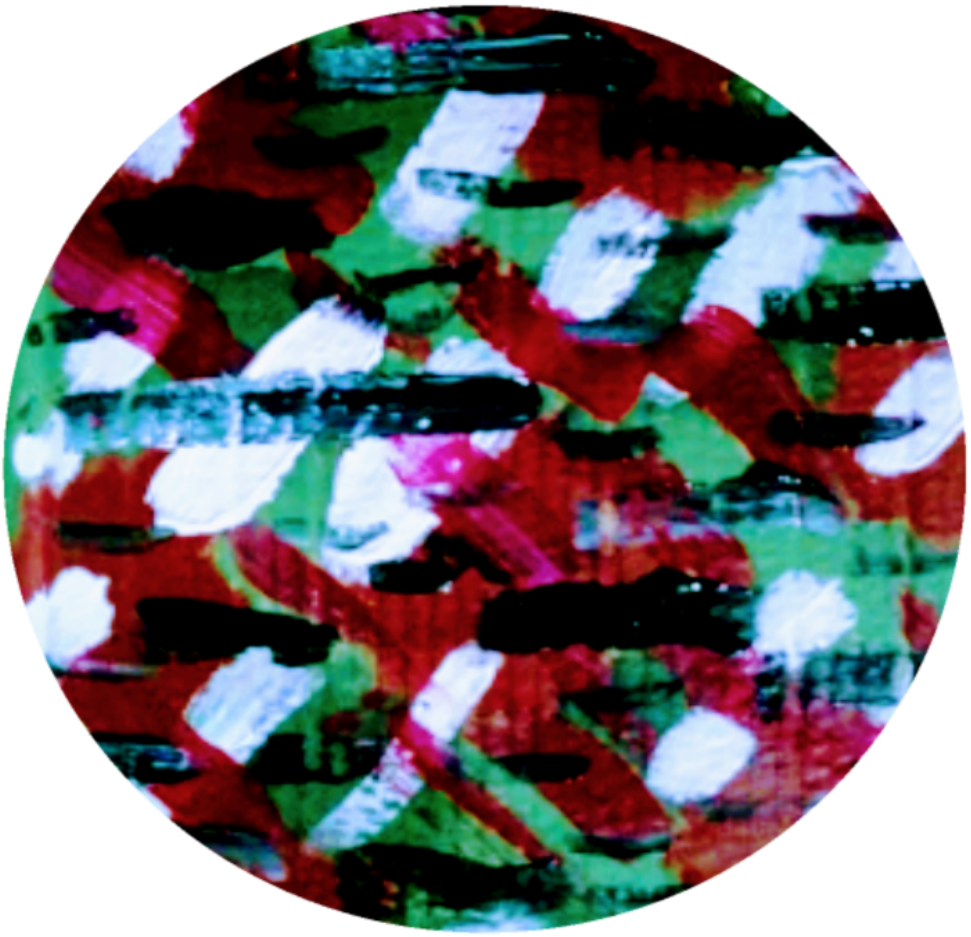

RODA VIVA IX
ANDEL

Todos os direitos reservados © - março de 2022

Vilarejo Metaeditora

www.vilarejometaeditora.com.br

Paulo Roberto Andel e Zeh Augusto Catalano

Versão beta digital em cortesia, disponibilizada pelo site Panorama Tricolor com autorização do autor. Proibida a reprodução sem autorização.

CPF 944.276.317/20

Capa/contracapa: arte de Renato Martini, 2021

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-919299-6-2

9 788591 929962

RUBENS GALAXE, UM CORINGA MULTICAMPEÃO
2021

Hoje em dia é quase impossível ter num clube um jogador que atravesse uma década vitoriosa num elenco, mas na década de 1970 isso era perfeitamente possível. É o caso de Rubens Galaxe, sexto jogador que mais vestiu a camisa do Fluminense na história, com 462 apresentações.

Em meio a craques consagrados, Rubens atravessou diversas formações. No começo dos anos 1970, quando ele chegou, o Flu vinha de uma trajetória vitoriosa, ganhando o Campeonato Carioca de 1969 e o Brasileiro de 1970. E assim seguiu, ganhando os estaduais de 1971 e 1973, até desaguar na monumental Máquina Tricolor, campeã em 1975 e 1976, além de chegar a duas semifinais de brasileiros. Jogadores chegavam e saíam, mas Rubens estava lá. Era o "coringa", o jogador que se adaptava às diversas funções e posições sem qualquer reclamação - hoje em dia seria uma referência mundial. E ninguém foi tão fundo quando o assunto tratou de posições diferentes em campo: só não jogou de goleiro e centroavante, sempre honrando a camisa tricolor. Não era um craque, mas possuía todos os fundamentos qualificados no futebol e trazia um consigo que foi sua marca: a eficiência.

Com a diáspora da Máquina, vieram tempos ruidosos e o Fluminense ficou três anos sem títulos importantes - hoje, com nove, tem gente que aplaude e comemora, mas naquela época dava até confusão. Pela primeira vez vivendo uma crise no Flu, Rubens aguentou firme e, aos 28 anos, foi o "veterano" do grandioso time campeão carioca de 1980, praticamente todo formado na base tricolor. Dois anos depois, deixou o clube. Uma pena: ele merecia fazer parte do time tricampeão de 1983 a 1985.

Sempre discreto, Rubens marcou poucos gols, mas dois deles foram espetaculares: um chute violentíssimo numa goleada sobre o São Cristóvão por 8 a 1 em 1979 e outro, belíssimo, numa vitória sobre o Flamengo por 3 a 0 no mesmo ano. Este jogo por si dá um livro, tantos foram seus acontecimentos: o Maracanã abarrotado com mais de 100 mil torcedores, o goleiro Paulo Goulart defendendo um pênalti de ninguém menos do que Zico, um monumental gol marcado pelo jovem Cristovão (que depois seria treinador de diversos clubes) num drible sobre Manguito e, por fim, a frustrada estreia da torcida Flagay no Maracanã, provocado por homofobia de setores da arquibancada rubro-negra. O gol de Rubens abriu o marcador num chute forte, no ângulo esquerdo do goleiro Cantarele, e a comemoração virou uma foto maravilhosa publicada na Revista Placar.

Numa entrevista mais recente, Rubens Galaxe declarou: "Nunca fui vaiado pela torcida do Fluminense". Nem teria como: nos tempos em que o Campeonato Carioca era o mais importante do país, Rubens foi nada menos do que pentacampeão em uma década. Quando o Fluminense teve o time mais emblemático de sua história, ele teve lugar cativo como titular. E depois de uma grande crise, ele colaborou muito para o que Flu voltasse a ser campeão. Sua trajetória e história merecem ser contadas e relembradas: elas falam de um jogador honesto, sério, que nunca teve os holofotes para si, mas que está em muitos posters de um dos gigantes do futebol brasileiro. Um pentacampeão que não escolheu posição para defender sua camisa.

Ele foi muitos num só.

MEMÓRIAS DO FLA X FLU
2021

Depois do expediente, no começo da tarde de sábado, fomos eu, Jocemar e Pimenta num boteco da Praça Tiradentes, famoso por seu bom chope e seus acepipes nem tão bons assim. Três tulipas e, pela margem de segurança, uma porção de queijo prato em cubinhos. Dois tricolores e um flamenguista.

Passamos a manhã falando de música, mas logo após o primeiro brinde o assunto não poderia ser outro: o primeiro Fla x Flu com público em um ano e meio. Logo de cara, tivemos saudades dos velhos tempos em que, no dia do clássico maior, camisas tricolores e rubro-negras se espalhavam pela cidade. É, tudo mudou. Agora a turma se acotovela em frente às tevês dos botequins. Quem governa o futebol chama isso de modernidade: quem não tem dinheiro não vai ao estádio, quem tem não está muito a fim.

Memórias, memórias. Aquele Fla x Flu em que o Cristóvão deixou o Manguito sentado na grama e fez um golaço, que fez o Jocemar enlouquecer na arquibancada abarrotada - no mesmo jogo o Paulo Goulart defendeu um pênalti cobrado por Zico. E outro, quando o Pimenta levou o pai que nunca ia ao Maracanã e, mal sentaram nas cadeiras, o Flu já tinha feito 3 a 0. Ou ainda quando voltavam de uma vitória tricolor e, no carro, o Barata debochava que ele só de todo mundo. Acabamos falando de muito mais vitórias tricolores do que rubro-negras, mas não era uma provocação e sim apenas as lembranças, só que quando todos aqueles assuntos surgiram, minha cabeça foi e voltou num espaço de quarenta anos. Ah, sim, e o empate épico de 1985 com o golaço de Leandro que eu, por azar e sorte, vi atrás do gol, no meio da galera adversária - fui com um amigo flamenguista ao jogo, vimos o primeiro tempo na torcida tricolor e, no segundo, trocamos. Detalhe: já estávamos na boca do

túnel da arquibancada, com o Ricardinho já indo embora e eu disse "Espera!". Deu no que deu. O Flu acabou campeão, mas ninguém esquece daquele empate.

Falar de Assis é inevitável, Renato Gaúcho idem, Zico e Júnior, Félix e Raul, Edinho, Pintinho, Adílio, Geraldo, Paulo Cezar Caju e até Pelé, aniversariante do dia e que vestiu as camisas dos dois clubes em amistosos. O Fla x Flu deságua num mar do Rio de Janeiro e, por isso mesmo, estamos loucos para ler o livro do Simas sobre o Maracanã, que acaba de sair. Tempos de glória. Sobrou até para o Botafogo, pois em certo momento rediscutimos a final do Carioca de 1971 que surgiu no caminho - é um jogo interminável.

E quem disse que o Fla x Flu é escrito apenas por craques e jogadores duradouros? Da parte que me toca, é só lembrar de Valtair, Zezé Gomes, Luiz Marcelo, Alexandre, Agnaldo, Ademilson, Fabio Bala, Rodriguinho e tantos outros.

[Depois de uma hora de bate-papo, finalmente entra um flamenguista a caráter no bar, com a devida camisa branca surradíssima, talvez de uns dez ou quinze anos atrás. Nenhum tricolor uniformizado.

Foi minha primeira mesa de botequim em um ano e meio. Talvez o primeiro sábado de tranquilidade no ano, do jeito que tinha de ser, com chope e boa conversa sobre futebol. Me despedi dos amigos, eu fiquei pelo Centro, o Jocemar ia para Niterói e depois Honório Gurgel, o Pimenta para Guadalupe: era o Fla x Flu se espalhando com braços abertos sobre a Guanabara.

Veio a noite e, mantendo a tradição do clássico, onde o melhor no papel nem sempre vence, o Fluminense passou o trator no Flamengo e ganhou com autoridade por 3 a 1, num raro jogo com

todos os gols bonitos. Uma noite de contrastes entre a juventude de John Kennedy, autor de dois belos gols, e a talvez despedida do veterano Abel Hernandez, que deixou sua marca em um golaço. O Fla x Flu foi tão elétrico que até o vaiadíssimo lateral Renê fez um gol bonito também. Em tempos de pandemia a casa não podia ficar cheia, mas dez mil maníacos puderam ver de perto o jogo dos jogos.

O Pimenta, rubro-negro de nobreza exemplar, me mandou uma mensagem de parabéns pela vitória. O Jocemar, mergulhado no caldo verde da vitória, não falou nada porque a gente brinca que ganhar Fla x Flu é normal - é o clássico dos clássicos. Não dá para saber o que será daqui por diante - o Fluminense sofre com nove anos sem grandes títulos -, nem as trajetórias dos jogadores, mas uma coisa é certa: John Kennedy e Abel Hernandez vão ficar na memória dos pequenos tricolores para sempre. Eu entendo muito bem: Cristóvão, Valtair e Zezé Gomes continuam comigo. Paulo Goulart também.

No fim das contas, todos vimos mais um capítulo do jogo que nunca termina. É o Fla x Flu, é o Maracanã, são dois gigantes que se digladiam no maior ringue de grama do mundo pela eternidade afora.

QUINZE PRAS CINCO
2021

Mal acabavam de fazer o primeiro jogo, os garotos dos dois times juvenis se apinhavam perto das escadas. Nada de descer para tomar banho: eles queriam era ver os craques entrarem em campo.

Cem mil pessoas, cinquenta mil de cada lado mais ou menos.

Dos dois lados, dezenas de bandeiras imensas enfileiradas, prontas para serem desfraldadas assim que os times entrassem.

Quinze pras cinco da tarde. De repente, entre os gritos das torcidas, havia certo silêncio e alguma aflição, alguma coisa que mexia com o peito.

De repente, no belo placar de lâmpadas amarelas, estava escrito "SU-DERJ IN-FORMA: ÁR-BI-TRO". Pronto, todo mundo vaiava. Um barulhão. Em meio ao caos, no alto-falante uma voz abafada e inesquecível narrava o que se lia.

Cinco para as cinco. O coração parece que vai sair pela boca. Num súbito, o lado de cá explode num grito de alegria: entra um time todo de branco e, de repente, não dá para enxergar quase nada porque tudo em volta está no meio de uma grande nuvem branca. Um sinal de paz. E logo em seguida explode o lado de lá, com outro mar de bandeiras tremulando e centenas de rolos de papel higiênico desfraldadas.

É um oceano de barulho, mas dá para ouvir direitinho o que se canta lá e cá. Aquela aflição no peito bate com força total feito a pancada nos bumbos logo acima na arquibancada.

Aparece o nosso escudo no placar de lâmpadas e gritamos como se fosse um gol. Quando é a vez do escudo deles, aí berram com toda força. É uma festa fascinante, pra arrombar a retina de quem vê, como na letra imortal de Chico Buarque.

Cinco da tarde. Eu tenho onze anos de idade. Meu pai me segura pela mão na velha arquibancada de concreto cinza, onde quase não podemos nos mexer. Estou coberto de pó de arroz. Daqui a pouco eu vou ganhar um cachorro quente e uma coca-cola. Vai ser dada a saída.

Por uma hora e meia, sou o garoto mais feliz do mundo: estou no maior estádio do mundo, em meio a uma multidão, vendo o melhor futebol do mundo. No placar do Maracanã, aparece o nome do craque do meu time, ele tem a camisa 5. Vai enfrentar uma barra pesada: o 2, outro 5, o 7, o 8, o 9, o 10. Enfim, um grande clássico.

Parece que foi ontem, mas faz muito tempo. Há muito tempo eu não tenho a mão do meu pai para apertar, nem me junto a cem mil pessoas que sequer cabem onde, um dia, esteve o maior estádio do mundo.

Onde estão os craques? Bandeirão, não pode. Fumaça, não pode.

Não há mais o velho placar de lâmpadas, nem milhares de pessoas humildes, às vezes desdentadas, que sorriam feito crianças ao ver algum nome escrito com as luzes.

Não há nem os garotos juvenis para se apinhar nos túneis da felicidade.

Vida que segue, diria o mestre João Saldanha, ao menos presente de espírito, mas para sempre.

DEZ ANOS SEM SUPER ÉZIO
2021

Ézio foi um caso de amor com o Fluminense que começou sem grande alarde, mas que cresceu a tal ponto que se tornou eterno.

Começou em 1991. O Flu vinha de cinco anos sem títulos, uma agonia para a exigente torcida tricolor. Com seus gols e sua simpatia, o artilheiro começou no a ganhar a torcida.

Marcava de todos os jeitos, pouco importando se a finalização era comum ou maravilhosa. Alternava golaços com outros considerados mais simples.

E ia o Fluminense batendo nas traves. Quase o Brasileiro de 1991, quase o Carioca do mesmo ano, a Copa do Brasil 1992 que escapou no apito de José Aparecido, os Cariocas de 1993 e 1994. O Flu não ganhava os títulos, mas lutava por eles: a gente sentia que viria mais cedo ou mais tarde. Continuávamos como protagonistas e tínhamos um ídolo de verdade. Os jovens tricolores estudantes da UERJ mataram muitas aulas para ver o Tricolor logo ao lado, com a chama de seu camisa 9.

Em quatro temporadas, Ézio fez muitos gols e esteve presente em momentos históricos além das decisões: não há tricolor que se esqueça dos 7 a 1 sobre o Botafogo em 1994, nem dos 4 a 2 sobre o Flamengo naquele mesmo ano - Ézio marcou três gols do Fla x Flu e não lembro se outro camisa 9 do Fluminense o igualou neste sentido. Mais atrás, muitos falam da semifinal contra o Bragantino em 1991, mas poucos se lembram de que, para disputá-la, o Fluminense precisou vencer dentro e fora do campo os cinco últimos jogos - e lá estava o artilheiro marcando presença. E não

se pode desprezar as duas Taças Guanabara, em 1991 e 1993, esta decidida com um gol de Ézio.

Os últimos minutos da carreira de Ézio no Fluminense foram inesquecíveis: entrou em campo naquele que, para muitos, é o maior Fla x Flu da história. E foi dele o primeiro toque na bola no campo adversário que, segundos depois, se transformaria no mais inesperado - e fascinante - gol da história das decisões no Maracanã, marcado pela barriga de Renato Gaúcho. Sua última partida pelo Fluminense é uma das maiores que o clube disputou em quase 120 anos de glórias.

Consagrado pela narração de Januário de Oliveira, amado pela torcida do Fluminense por seus gols e simpatia, Ézio é uma força, uma presença, um drama e uma intensidade que ainda povoa o Estádio das Laranjeiras. Ali ele deu muitos autógrafos, tirou muitas fotos e abraçou milhares de fãs com seu sorriso indestrutível. Ali ele treinou para fazer mais de cem gols pelo Flu. E foi ali que ele começou a escrever uma história inigualável no futebol brasileiro.

Explica-se: todos os grandes clubes do país possuem grandes títulos e monumentais artilheiros. A diferença do Fluminense para todos os outros é que só o Tricolor teve como artilheiro um eterno super-herói. O mais humano, sensível e amigo, o mais especial de todos os goleadores vestidos de grená, branco e verde.

Sinistro, muito sinistro o Super Ézio.

CAMISA 4 OU 22
2021

Eu trabalho num sebo. Por isso, regularmente acabo recebendo doações de livros e discos.

Na semana passada, quem apareceu foi meu amigo Leo, precisando se desfazer de um material expressivo: centenas de CDs. Passamos praticamente a década de 1980 juntos: fomos escoteiros, jogamos muita bola e botão por aí.

Ele veio à loja, deixou o material e então fomos para a Leiteria Mineira, uma das relíquias do Centro do Rio. Ficamos lá por cerca de duas horas, daí nos despedimos, ele foi para o Metrô Carioca, eu fui para a Praça Tiradentes e só o futuro dirá quando nos veremos novamente. São milhares e milhares de quilômetros de distância entre as nossas casas.

Voltei para o sebo e comecei a mexer num pacotinho que veio junto com os CDs. Num saco plástico transparente, botões, escudinhos de papel do Grêmio e uma trave de plástico. Tudo coisa dos anos 1980, perto dos 40 anos de vida. Ah, o tempo que passa tão rápido.

Saquei um botão do pacote. Era do meu Fluminense, igualzinho a um time que tive e o tempo levou - logo que pude, colecionei botões de vidrilha e galalite. Voltando ao botão: de acrílico verde lindo e o escudo tricolor envolto em fundo circular amarelo. Lindo. Devia ser coisa de 1978: eu ainda não tinha um Estrelão para jogar, sequer um Xalingão, então fazia meu campo com uma cartolina verde, fazendo as linhas pacientemente com caneta e régua. Havia a Copa do Mundo, papel picado nas ruas, a revista em quadrinhos "Dico, o artilheiro", o começo do Globo Esporte, as

figurinhas do Futebol Cards, os botões em pacotinhos na banca de jornal e muito mais coisas para os garotos que, como eu, começavam a ficar apaixonados pelo melhor jogo de bola do mundo.

O botão do Fluminense. Tem um número 4 preto bem em cima do escudo e um 22 escrito à caneta. O que será que aconteceu com ele? Era titular e virou reserva? Não sei. A camisa 22 nem existia, exceto para as seleções, mas a 4 teve muitos candidatos. Edinho jogava sempre com a 5, mas usou a 2 em sua segunda passagem pelo clube. E a defesa? Wendell, Miranda, Tadeu, Edinho e Carlinhos. Renato, Miranda, Moisés, Edinho e Rubens. Logo depois teve Ademílton. Pelo caminho ficaram Edval e Dário. Miranda era o Trésor brasileiro, referência de Marius Trésor, cracaço da seleção francesa. Ah, o Edevaldo.

Descobrir quem era o botão faz sentido. Os botões têm vida, alma e personalidade próprias. Se um botão foi batizado com um nome, não se pode contrariá-lo chamando-o por outro. E é pra sempre, porque os botões são imortais.

Sendo o camisa 4 do Fluminense em fins dos anos 1970, o botão teve muito trabalho. Imagine marcar Adílio, Roberto, Mendonça, Tita, Paulo Cezar, Búfalo Gil e outras feras no Estrelão lotado? Não era nada fácil. Naquele pequeno pedaço de belo acrílico verde há uma história, uma vivência e uma atualidade porque o tempo do futebol é diferente dos outros: possui a magia da eternidade. Com ele, futebol, semanalmente temos dez anos de idade para sempre; falamos de coisas de 30 ou 40 anos como se fossem noutro dia e, quando vemos os ídolos hoje setentões, eles nunca têm mais do que 30 ou 25 anos de idade, porque essa é a imagem que ficou para sempre. A imagem de um jogo fica eternamente nos olhos de um menino.

Continuo a apreciar o botão. Tiro uma foto. Ao fundo está o Teatro João Caetano. Então entro no Maracanã lotado. Ele deve ser o Miranda, de uniforme todo branco, encarando Cláudio Adão de rubro-negro ou Catinha de vascaíno. Eu estava na quarta série, sonhava com o Estrelão e com um futuro melhor. Quarenta anos passam rápido, rápido demais, mas só entende quem é do ramo: o futebol é um eterno presente em que vivemos. Está tudo bem guardado na memória.

Eu só queria jogar a partida de novo.

ZEZÉ, UM PONTA-ESQUERDA COMPLETO
2022

Em fins dos anos 1970, o Fluminense vivia um momento distinto: depois de atravessar o período de 1969 a 1976 como protagonista do futebol carioca e brasileiro, o Tricolor chegou a um período de vacas magras, passando as temporadas de 1977 a 1979 sem títulos e grandes destaques. Desfeita a fabulosa Máquina, o Flu passou a apostar em jogadores mais baratos ou mesmo veteranos sem oportunidades em outras equipes, sem muita preocupação da gestão à época, pouco afeita ao futebol - isso num clube que carrega o esporte em seu próprio nome.

Entretanto, alguns jovens jogadores revelados na base tricolor já começavam a despontar, e futuramente dariam enorme alegria à torcida. Um deles é pouco falado e merece valorização à altura de seu grande futebol: o ponta-esquerda Zezé.

Antônio José Gouvêa estreou pelo Fluminense em 1975 num amistoso em Petrópolis. Já estava acostumado a uma grande concorrência de feras tricolores desde a base, disputando vaga com Gilson Gênio (destaque do próprio Flu e do Bahia), Silvinho (que brilharia no America e no Vasco) e Mário (campeão pelo Flu e depois jogando por America, Vasco e Bangu). Precisou esperar até 1977, quando o treinador Pinheiro efetivou seu pupilo no time titular.

Apesar do Fluminense não brilhar naquele período, o futebol vistoso e ofensivo de Zezé logo chamou a atenção de Cláudio Coutinho, então treinador da Seleção Brasileira, que o levou para a Copa América de 1979. No Flu, o ponta seguia cumprindo grandes atuações e marcando vários gols. Além de seu talento como driblador nato, Zezé era especialista em chutes cruzados da

esquerda e um bom cobrador de pênaltis. Só não gostava de marcar e, cá entre nós, tinha razão: seu talento não era para ser desperdiçado como marcador de laterais.

Em 1980, veio a redenção. Já "veterano" no Fluminense aos 23 anos, Zezé foi um dos grandes destaques do time campeão de 1980, praticamente todo feito em casa, desbancando o forte time do Vasco (com Guina, Paulinho, Roberto, Wilsinho, Pintinho e Paulo Cezar Lima) e superando o poderoso Flamengo (campeão brasileiro e que seria também mundial no ano seguinte). Ao lado de Robertinho e Cláudio Adão, o ponta-esquerda formou um ataque veloz e mortífero, todo com jogadores que passaram pela Seleção. Pelo Fluminense, marcou mais de 80 gols como profissional, e isso jogando ao lado de outros excelentes finalizadores.

Ao deixar o Fluminense, Zezé foi para o Guarani de Campinas, onde reencontrou outro velho conhecido das Laranjeiras: o goleiro Wendell. O Bugre fez ótima campanha no Brasileirão, chegando às semifinais, mas depois aconteceu um problema para o atacante: exames apontaram problemas cardiológicos sérios. Mesmo assim, Zezé acabou se transferindo para o Flamengo, não se firmou e a partir de então passou por várias equipes de menor investimento. Já o Fluminense perdeu sua referência de ponta-esquerda, mas logo a reabilitaria com a ascensão de duas outras feras dos anos 1980: Tato e Paulinho.

Zezé desencarnou jovem, aos 51 anos, em Recreio, sua cidade natal em Minas Gerais. Sofreu um ataque cardíaco em sua caminhada matinal. É o único titular tricolor de 1980 que já faleceu. Pouco desfrutou da era das redes sociais e não teve a oportunidade das lives, que hoje tanto ajudam a reavivar belas memórias do nosso futebol.

Ao menos restou a memória dos meninos tricolores daquele tempo, que trazem consigo a lembrança de um grande atacante, fundamental para reabilitar a imagem do Fluminense depois do pós-Máquina. Hoje cinquentões, ele ainda se lembram de cruzamentos e gols do arisco Zezé.

ÁLBUM DE FIGURINHAS
2012

Em algum lugar do grande apartamento em que morávamos eu e minha família, meu pai veio com uma revista grande, que era dele, não minha. Copacabana, provavelmente 1973 para 1974, rua Santa Clara, número 345, prédio antigo, subíamos uma escada, a sala era enorme. Ditadura Médici.

Eu tinha cinco anos de idade. E lia. E escrevia. É.

Meu pai manuseava a revista com carinho ao me mostrar. Não era bem revista, mas, na verdade, um álbum de figurinhas, o primeiro que me vem à mente na infância. Mais precisamente, o álbum da Copa do México em 1970. A princípio, tive certa estranheza em ver todo mundo de amarelo e verde nas fotos, quando pensava em futebol me vinha imediatamente à vista o grená-branco-verde. Então, pai Helio foi explicando aos poucos, falando de jogador por jogador, tomei um susto quando disse que Everaldo tinha morrido. E falou de Carlos Alberto, que tinha sido um craque do Fluminense. Falou de Pelé, claro. Até que parou num nome diferente que me marcou para sempre: Félix.

Primeiro, ele se vestia de forma diferente de todos os outros jogadores. Segundo, meu universo era feito de Paulos, Helios, Ricardos, Joões, Lourdes, Terezas – Félix era a primeira vez que eu ouvia falar, na minha ingenuidade de criança (achamos que sabemos várias coisas, mas nunca sabemos nada direito). Gostei daquilo. Tempos depois, eu não somente tive direito ao meu próprio álbum de figurinhas como logo estava sendo jogado ao alto no Maracanã pelos amigos grandões – ou seja, adultos – a cada vez que o Fluminense fazia um gol. E quem estava lá? O Félix.

Já morando na rua Siqueira Campos, muitos desenhos animados à tarde com minha mãe em casa, aparece nas telas o Gato Félix (Felix The Cat), decano personagem infantil. Claro, a primeira lembrança veio direto à imagem do querido goleiro. E quando comecei a acompanhar futebol loucamente, 1978, um goleiro no futebol do Rio, Americano de Campos, fazia muito sucesso por causa da elasticidade das defesas. Nome? Apelido: Gato Félix. Mas nada me remetia diretamente ao desenho e sim à primeira lembrança: o goleiro, o goleiro, o goleiro do meu time, agora treinador de goleiros. Um dia, a dirigência do Fluminense foi ingrata: demitiu Félix antes do devido, ele passou a ser gerente de uma loja de carros. Faltaram delicadeza e bom-senso: merecia ter sido melhor aproveitado. Bom, Castilho passou anos e anos suplicando pela chance de ser nosso treinador.

Os anos escorreram, tivemos Paulo Goulart e, seguir, Paulo Victor. Em todas as efemérides, era lembrada a maravilhosa escola de goleiros do Fluminense – e, nela, o nome de Félix era uma eterna referência. Nem podia ser de outra forma: campeão do mundo, campeão carioca, campeão brasileiro, o goleiro era uma verdadeira lenda vida da história do clube.

Os anos passaram, Félix nunca mais teve vínculo profissional com as Laranjeiras. Mas o amoroso ficou para sempre: a cada vez que era chamado, fazia questão de ser fotografado com vestes e acessórios tricolores. Um campeão do mundo que mostrava orgulho em empunhar nossas cores, nossa camisa em todas as aparições. E foi assim até recentemente, sem qualquer interrupção.

Mas ontem, ao ligar meu computador pessoal, deparei-me com a notícia do falecimento de Félix. A inevitável dor da despedida, certeza que todos temos.

Olhei para trás.

Nasci em 1968. Quando conheci o herói, era ainda criança de colo.

Foram quase quarenta anos, de perto ou à distância, espiando meu símbolo maior daquele álbum de figurinhas do meu pai. O moço que se vestia diferente, o moço que tinha o nome diferente. O goleiro.

Félix esteve perto de mim o tempo todo, seja nos livros, nas revistas, no jogo de botão, nas referências tricolores, nas entrevistas com os heróis do passado do Fluminense.

Despediu-se discretamente, num hospital, quando todos os holofotes estavam apontados para o centenário do mestre Nelson Rodrigues. Pareceu que quis ir embora sem que ninguém notasse – algo impensável, impossível para milhões dos nossos torcedores.

Aquele apartamento da rua Santa Clara era meu mundo, não o imóvel, mas o que continha: alegria, minha família, a infância. O álbum de figurinhas.

Hoje, assim como a perda incomensurável de Felix, uma falta enorme.

Logo mais, temos um clássico contra o Vasco no Engenhão. E Cavalieri há de ser mais Félix do que nunca.

Castilho ganhou um companheiraço para dividir os treinos no céu.

NELSON RODRIGUES 100 ANOS
2012

Hoje Nelson Falcão Rodrigues completaria 100 anos.

Melhor dizendo, completa.

Não bastasse ser o maior dramaturgo brasileiro de todos os tempos, foi também o maior cronista da história do futebol deste país – gênero que conta com craques que vão de Mário Filho a Marcos Caetano, passando por João Saldanha, Oldemário Touguinhó e mais cinco seleções brasileiras. E continua sendo. E será.

Qual é o dia em que a torcida do Fluminense não se lembra de uma grande frase de Nelson? Uma grande crônica que livre o Fluminense de um mau presságio. Um comentário que nos ajude a abrir caminhos de vitória. Nelson é um escudo do Fluminense empunhado frente à eternidade. Ponto. Basta lê-lo.

Portanto, que fique claro: no dia de hoje, tudo fica pequeno em termos de crônica diante do mestre. Fez na literatura o que Pelé fez nos campos. Tornou-se imbatível. Nelson Rodrigues pertence a um rol de seres humanos que são distinguíveis de todos os demais. Exemplos? Miles Davis, Bob Dylan, John Lennon, Rubem Braga, Oscar Niemeyer. Os gênios incomparáveis, capazes de influenciar milhões e milhões de pessoas, mas, no entanto, transformar em ridículos todos aqueles que, sucumbidos frente à tentação, tentem imitá-los.

Nelson é inimitável.

Para o futebol brasileiro – e, em especial, do Fluminense – foi um Shakespeare, um Ibsen. Injetou teatro nas artérias dos gramados e arquibancadas. É obrigatório ler as crônicas esportivas de Nelson como biscoito fino da maior literatura – e maior do que todos os que tentam lhe impingir pechas como a de que “sequer” via o jogo. Para os que têm os horizontes literários curtos, fica difícil entender que Nelson fez os jogos, fez a história, o que é diferente de ser um mero expectador que transfere para o papel “apenas” o que viu. Não nasce um Nelson Rodrigues todo dia, assim como um Faulkner ou um Kerouac. Um Rubem Braga. Um Carlito Azevedo. São especiais, raros, estrelas das mais distantes constelações.

Para nossa sorte, o fato dele não estar mais aqui escrevendo não nos torna órfãos, tendo em vista sua obra colossal à disposição e a inevitável certeza da morte física – mas nem ela exime um torcedor de suas obrigações clubísticas, como nos ensinou o maior de todos os escritores de futebol deste continente Brasil. Nelson está presente. Morto? Não. Não produz material novo, mas é o verdadeiro combustível para N cronistas, muitos deles hoje em nossa apaixonante torcida. Quem pode falar de crônica esportiva no Brasil sem passar pelo mestre maior?

Meu caminho é geralmente inverso de muitos de seus admiradores permanentes no futebol. Ao contrario da maioria deles, eu o li pouco na infância e juventude em termos de crônica esportiva – ainda cheguei a lê-lo em jornais entre os oito e doze anos de idade, junto a outros craques como Achilles Chirol e o velho comunista Saldanha – Nelson era direita feroz, ambos gigantes. O problema é que estes quatro anos foram os últimos de Nelson na crônica esportiva, ele faleceu em 1980. Na adolescência, aí sim comecei a ter um primeiro contato com a obra teatral e ela era de arrepiar em todos os sentidos – “Vestido de noiva”, por exemplo, data de 1943 e hoje, quase 70 anos depois, permanece atual e impactante. As crônicas de futebol do mestre eu já comecei a sorver

alucinadamente depois dos 25 anos de idade; mesmo assim, é claro que elas são uma inesgotável fonte de inspiração – ninguém fica imune diante de qualquer texto de Nelson Rodrigues. Minha formação comunista pode ter se chocado com suas afirmações vigorosas do passado, mas isso em nada afeta meu carinho especial e minha total admiração por quem escreveu as melhores letras da história do meu time, o time que eu amo tanto e que ninguém mostrou mais amor em literatura nisso do que ele, Nelson. O craque passa por cima de ideologias, certezas e dúvidas quando o caso é o Fluminense.

Hoje, os livros emergem das gráficas, a imprensa alternativa tricolor é um sucesso, há uma mobilidade colossal em torno do tema. Velhos guardiões da malversação tricolor nos veículos convencionais torcem o nariz. Nelson é nossa bandeira eterna, tudo do que aí está nesse sentido tem a ver com o que ele escreveu e viveu como ninguém. Ele é a semente de incontáveis e qualificados cronistas do time das Laranjeiras – e todos lhe devem gratidão eterna além de dever curvar-se como súditos diante do rei. Quem não fizer isso simplesmente não é digno de ser lido.

Eu, como súdito que sou – e é absolutamente minúscula a minha importância nesse processo, assim como deve ser a de todos os que prezam pelas próprias dignidade e bom-senso – dobro minha coluna cansada e revejo o velho rei da máquina de escrever, sempre a escrever poesia, prosa e literatura das mais sofisticadas quando o assunto era o Fluminense. Nelson fez do Fluminense um lindo e arrebatador poema por décadas, distribuído entre suas crônicas monumentais. Teatro puro, fascinante e arrebatador, realidade em vestes de fantasia. Simplesmente a vida em si.

Continuaremos a ganhar grandes títulos. Muitas serão as vitórias arrebatadoras no último minuto. Sempre seremos a mosca na sopa

das redações “oficiais”. Um dia, tanto faz se nublado ou de puro azul, daremos adeus à terra.

Ficarão apenas duas certezas.

A primeira, ensinada pelo mestre, de que o Fluminense tem a vocação da eternidade.

A segunda, de que ele mesmo, Nelson Rodrigues, também tem a mesma vocação e por um motivo simples: o mestre É o Fluminense, assim como Marcos Carneiro de Mendonça, Preguinho, Romeu, Castilho, Telê, Pinheiro, Edinho, Assis e tantos sujeitos, cujas admiráveis biografias tricolores não cabem em duas páginas. Para que Nelson caiba, assim como todos eles, vale uma única palavra: “eternidade”.

Nós, tricolores, temos Nelson Rodrigues como um troféu, uma bandeira. Um escudo de carne, osso e agora alma, capaz de nos conduzir pelos melhores caminhos. Uma bússola permanente a guiar os paradigmas do torcedor do Fluminense. E isso dói em muitos: quem há de ter algum dia alguém com o talento de Nelson entre seus frequentadores de arquibancada? Mais ainda: quem há de ter um Nelson Rodrigues como permanente correspondente da guerra nos gramados por cinquenta ou sessenta anos?

Quem?

Só o Fluminense. Só a imensa e apaixonante torcida do Fluminense. A exclusividade incomoda.

Por ora, recordo algum canto de página dum jornal onde havia um texto destacado, cercado com moldura, coisa de 1978. “Pai, porque isso está assim?”, indaguei. “É uma coluna, meu filho, é o texto do

Nelson Rodrigues”, respondeu Helio. “Ele é tricolor, né?”. “Claro, meu filho”. E risos. E risos.

É que os clássicos são eternos.

Comemorar os cem anos de Nelson Rodrigues não é apenas celebrar o aniversário de alguém muito especial. Na verdade, é vibrar com um título, o maior de todos, que jamais outro clube há de ter. Em 2112, dirão: “Hoje, Nelson Rodrigues faz 200 anos – e permanece eterno”.

Ao mestre, com carinho. E obrigado por tudo.

LULA, MORTE E VIDA ETERNA
2022

Eu não pude vê-lo jogar. Melhor dizendo: se vi, eu era tão pequeno que não registrei na memória. O certo é que, assim que tive noção de ser um torcedor atuante do Fluminense, eu sabia quem era Lula, ao lado de outros próceres como Denilson, Samarone, Manfrini e outros.

Ali pelo começo dos anos 1980, 1982, Lula teve uma passagem como treinador do Fluminense. Era uma época de chumbo, o time há quase dois anos sem ser campeão – por favor, não riam. Lembro de meu pai torcer muito por ele. Eu tinha 13 anos e começava a ir aos primeiros jogos sozinho. Foi o início de uma longa solidão que, de certa forma, permanece até hoje. Helio Andel adorava Lula e isso para mim bastava.

As crônicas de Júnior e Jocemar aqui publicadas dão o tom da situação: foram escritas de maneira simples, rápida mas carregada de emoção. Eles eram dois garotos quando viram Lula entortar o mundo afora, marcar gols decisivos – mais de 100 só pelo Flu – e garantir títulos imortais. Agora, jovens sexagenários, eles voltaram no tempo e se emocionaram com a fase mais bonita do futebol: garotos vendo seus ídolos eternizar seus nomes no clube. Meio século depois, o nome de Lula os tocou na alma.

A vida passa muito rapidamente e celebrar os grandes momentos é fundamental. Tudo é breve. Já, já, eu também serei um sexagenário emocionado com dribles de Robertinho, gols antológicos de Cláudio Adão e arrancadas de Edinho. Na quinta-feira foi emocionante ver os Sussekinds, pai e filha, comemorando muito a vitória do Fluminense – eu já puxei o pai pela mão, abracei a avó em grandes gols e agora a filha é o

presente eterno em que vivemos. Meu pai me puxou pela mão e foi embora, eu puxei meu irmão pela mão e ele foi embora. A arquibancada celebra a vida e isso vai muito além de um jogo de futebol, mas só poucos entendem a essência disso.

Na quinta-feira também corri risco de morte ou, no mínimo, algumas porradas bem sérias no Engenhão. Não aconteceu por fatores que não sei explicar, mas pela primeira vez em décadas cometi um erro capital no encontro de torcidas. Esse erro acabou sendo fundamental para ajudar a Força Flu no transporte de instrumentos. Horas depois, eu estava com Gonzalez no mesmo carro, passando pelos mesmos lugares mas então com 200 livros na mala. Não tinha a menor ideia, mas tudo aquilo já era uma homenagem a Lula. Explico: 1971, fim do jogo, um gol apoteótico e um título sobre um dos maiores times que o rival já teve. Era a despedida do craque e não sabíamos, o prenúncio, o aviso.

Meu amado Fluminense, por favor: não insista em deixar seus ídolos morrerem no ostracismo esportivo. Não basta fazer uma festa e dar uma camisa a cada cinco anos. Há muitas iniciativas baratas que já deveriam pertencer à rotina do club. Preservar a memória é respeitar a nossa própria história. Samarone, Manfrini, Marco Antônio, Gil, Edinho, Denílson, Mario, Deley, Ricardo e tantos outros estão por aí, é preciso fazer e há muita coisa a ser feita. O Lula merecia mais, muito mais.

Em algum lugar que não sei dizer, meu pai disfarça e chora. É que de 1971, nem quem não viu se esquece.

DUAS VEZES NO CÉU
2012

Não chegamos até aqui à toa. E nem foi a primeira vez este ano.

O Fluminense começou 2012 como sempre: sob a desconfiança e as galhofas dos que se prostituem malversando o nome do jornalismo. E tropeçou.E quase não foi à final da Guanabara. Mas o Vasco foi gigante, teve dignidade, fizemos a nossa parte e vencemos o turno quando as luzes da cidades foram mais brilhantes.

Ao fim, os 4 a 1 demolidores comandados pelo golaço de Fred selaram o título tão esperado há sete anos. Moura deu o golpe final. Fomos os grandes campeões do Rio.

Mais uma vez, fizemos a melhor campanha da primeira fase da Libertadores. Num momento capital, sem nossos grandes craques, caímos de pé diante do gigante das América, o Boca Juniors, o mesmo que vencemos com tamanha autoridade em La Bombonera. O mundo já foi nosso e voltará a sê-lo. A América é questão de tempo – ela virá.

Veio o campeonato brasileiro que, ano passado, nos escapou pelos dedos. Rodada a rodada, fomos provando nossa força. Como sempre, o circo da “informação oficial” deu todo seu favoritismo ao Atlético Mineiro. “O São Paulo vai chegar!”, “O Grêmio é forte!”, “O Vasco está há 50 rodadas no G4”, “Dessa vez o Botafogo vai!”. O Fluminense não constava do circuito oficial de favoritos nem quando se tornou líder do campeonato.

Mas não precisamos disso.

Não precisamos das redações, dos estúdios, da imprensa convencional em geral.

Jogo após jogo, o Fluminense foi letal. Mortífero. Soube chegar ao topo para nunca mais largá-lo.

A águia do Atlântico Sul deu seu bote primordial, levou sua presa para o fim e mergulhou no infinito do céu.

Duas vezes no céu.

Heróicos como sempre. Heróicos como em 1995, não à toa pelo placar emblemático de 3 a 2 que traz luto aos caluniadores.

Quanto mais tentam menosprezar o Fluminense, ele se torna um gigante indestrutível de dois mil séculos.

Estamos duas vezes no céu neste ano. Viemos duas vezes. Permanecemos. É a nossa infinita sina. Há quem cante em vencer e vencer, nós nos satisfazemos com os títulos que temos.

Olhemos para 2008 e 2009. Vivemos alegrias, dores e delírios. Veio um 2010 fantástico. Em 2011, fizemos uma ótima campanha. Agora, o Rio e o Brasil são nossos.

Somos o azul da paz duas vezes no céu, com nossas cores tricolores. Somos imortais. A morte não existe. Somos os campeões do Rio e do Brasil. Somos os campeões de terra, mar e ar.

O ódio, a infâmia e os descalabros dos falsos jornalistas estão ao chão, em pleno rastejamento. E como lhes dói essa vitória imperecível! E como remoem ao lado das carpideiras rancorosas e dos contras.

Daqui de cima, é fácil saber o que enxergamos: nós os rebaixamos para sempre. A série que lhes cabe pagar é a do descaso, a do descrédito.

A campanha do penta com cinco não espera.

A Guanabara será ainda mais linda em 2013, como se fosse Juliana.

O Brasil será pouco diante da grandeza do Fluminense.

Permitam-me a economia das palavras.

As lágrimas de um tetracampeão persistem.

Amanhã temos mais. Muito mais.

UMA FINAL VERGONHOSA
2021

Em 45 anos acompanhando o Fluminense, nunca tinha visto uma participação tão ridícula do meu time numa final como essa de 2021. Nem parecia um adversário, mas um convidado para a festa do outro. E pela primeira vez em 15 anos, não escrevi imediatamente uma crônica sobre a atuação, o que farei hoje ou amanhã.

Agora, pior do que isso foi ver as verdadeiras trevas que viraram qualquer debate no Brasil, ainda mais sobre futebol.

De tricolores, li e ouvi de tudo. Pode ser que a dor da derrota explique até certos arroubos e sandices, mas o que me preocupa é ver tanta gente boa conformada com tudo, como se o Fluminense fosse um clube pequeno, onde é bom ser vice-campeão ou quinto, sexto, sétimo, sei lá que diabos, depois de quase dez anos sem conquistas relevantes. Quem achar que está bom, que siga com isso mas conte com minha total ojeriza a respeito. Não sou obrigado a aderir pela campanha da mediocridade.

De rubro-negros, sandices a granel, ao cúmulo de sugerir racismo tricolor em seu mosaico, apenas para suavizar a escrotidão de seus dirigentes, que deram um show explícito de irresponsabilidade no tocante à Covid19, chegando ao cúmulo da especulação de uma partida com público em Brasília depois de quase 500 mil mortos em nossas vistas - porque esse foi o único motivo da decoração. Até o início da pandemia, basta olhar no YouTube, a única torcida no Maracanã que era predominantemente de população negra e foi substituída por uma massa nitidamente branca não é a tricolor... Agora, se preferirem outra interpretação para os dizeres do mosaico, sugiro um pequeno lote: Serra

Dourada/ ladrilheiro/ Papeletas Amarelas/ Roubado é mais gostoso/ Flamenguesa etc.

Pior ainda é mais uma manipulação covarde de certa imprensa esportiva, querendo igualar números centenários na marra. Patético. O Flamengo foi infinitamente superior ao Fluminense nas últimas três decisões, mesmo com os já tradicionais erros de arbitragem que predominam para um lado. Nada disso era necessário. Do jeito que jogou sábado, o Fluminense não seria campeão nem com 24 horas de partida.

Agora, ninguém tem culpa de que a pandemia impediu o Maracanã cheio, a festa etc que se vê em decisões passadas feito a de 1995, que aparece diariamente na TV ou tantas outras em que o Fluminense foi superior e campeão. Ou melhor, culpa tem, mas é alguém que não tem nada a ver com o futebol, embora bajulado por dirigentes da Gávea...

E antes que alguém fale alguma besteira, procure saber o que eu escrevo e falo sobre os dirigentes do meu clube há anos. Nada feito com ódio ou pessoalidade, nada. Tudo apenas no campo da divergência de ideias e conceitos. Se não gostam de mim por isso, dane-se: não sou tiete de dirigente, tenho mais o que escrever. Amar meu time não pode me transformar numa besta subserviente a sistemas no mínimo espúrios.

Nada pode ser pior do que a ética seletiva, de conveniência, de circunstância. O sujeito ético por ocasião é tão calhorda quanto o anti-ético.

A CHUVA, A SINA
2008

Caríssimos, em mais um capítulo da maratona de jogos que tem marcado a Taça da Guanabara, nosso Tricolor entrou em campo para mais um compromisso contra o Volta Redonda, o Peñarol do sul Fluminense - com sua garbosa e vistosíssima camisa aurinegra. Vencemos, não convencemos plenamente, mas o time certamente se recuperou do empate contra a agremiação de Macaé – mais ainda, mesmo que timidamente, fez o que se pode dizer de melhor partida este ano; ao menos, a mais equilibrada em termos de dois tempos, mesmo que a goleada tenha sido desenhada apenas no segundo.

Nem a baixa temperatura de um Maracanã alagado com a chuva ininterrupta atrapalhou o pequeno, mas fiel, contingente dos nossos torcedores. Quase dez mil pessoas em Mário Filho, num dia de águas bravas e trânsito caótico, ainda mais no exótico horário das sete e meia. Com chuva, muita chuva. A sina do Tricolor tem sido a chuva neste 2008.

O time mudou, e para muito melhor, ainda que longe do ideal. Ao contrário dos outros três matches anteriores, facilmente viu-se a mudança de comportamento da equipe. Começamos agredindo, buscando ataque, fazendo pressão na intermediária do Volta Redonda, e tudo isso fez diferença. Mais ainda, compensação pelo nosso ainda precário entrosamento, afora a pouca ênfase de jogadas ensaiadas. Convém ressaltar que, embora a entrada de Júnior pela esquerda, no lugar do indeciso Nery, tenha colaborado para a mudança de atitude do Fluminense, houve uma sacudidela coletiva da meia-cancha para a frente, com todos correndo, brigando e buscando a abertura de resultado. O Volta Redonda,

recolhido e respeitoso, não lembrava em quase nada o time de outros tempos – há pouco, decidiu contra nós um título do Rio. Deixando de lado a nossa paixão, o Tricolor até que demorou para abrir o placar – e, curiosamente, numa das raras jogadas ensaiadas postas em prática, fizemos o tento numa cabeçada de Luiz Alberto, que tinha subido à área em função de um escanteio. Antes, vários chutes tinham sido dados contra a meta dos voltas – e o próprio escanteio que gerou o primeiro gol veio de uma grande defesa do goleiro Edinho, em chute de Dodô. Em suma, poderíamos ali já ter uma vantagem. Percebi evolução, vontade, e a diferença de apenas um gol só era preocupante porque sabemos que, no futebol, o um a zero é um triz – e, ao final da primeira etapa, quase os voltas igualaram o marcador; contudo, Nelson e outros deuses do futebol de Laranjeiras afastaram a bola de nossa meta, o que nos fez vencedores da primeira etapa. Não foi um jogo brilhante do Fluminense, mas raçudo e bem-disposto; parte de nossa torcida vaiou, mas não por uma péssima atuação e sim por saber que o Fluminense pode oferecer muito mais.

O pai-de-santo Tiba não foi visto nas arquibancadas, de modo que não se podia sequer pedir o amparo dos orixás para uma vitória consagradora na fase final. Porém, eu senti o aroma da goleada no vento úmido do Maracanã. Ao meu lado, a amiga Rita parecia cética quanto ao resultado, quando bradei:

“ – Querida, o Fluminense goleará. Espero cinco ou seis gols ao final. Será seis a zero.”

Rita riu da fanfarronice macarrônica que parecia vir das minhas palavras. Contudo, o destino do Tricolor é a vitória, é a conquista. E o que se viu no segundo tempo foi uma goleada retumbante, heróica, digna.

Para desespero daqueles que querem um dos nossos atacantes no banco, todos foram bem na segunda etapa, fazendo do Fluminense um algoz implacável dos voltas. Com dez minutos de segundo tempo, resolvemos a fatura: primeiro, num golaço de Washington em cobrança de falta, bola precisa no ângulo direito, impecável. Os amigos sabem com clareza; há milênios que não temos um finalizador, um centroavante, que tenha o dom da cobrança de falta. Washington tem. Como é importante ver o homem da frente fuzilando o gol adversário com maestria. E, em seguida, com o desespero de Volta Redonda, contra-atacamos e fizemos o terceiro, com o demolidor Leandro tocando rasteiro na saída de Edinho, Leandro que fora municiado por Washington. E, mais uma vez, Washington, em falha no rebote do goleiro, mas mostrando o faro de artilheiro, fez o quarto. Pela primeira vez no ano, ficamos tranqüilos bem antes do jogo terminar. Eu vi Rita e sorri, dizendo-lhe que os dois faltantes viriam para o sexteto retumbante de gols.

Jogávamos em franca velocidade e as jogadas vieram uma atrás da outra. Poderia ter sido mais, e desimporta se disserem que o Volta Redonda está mais fraco, que o Volta Redonda tem menor investimento, que o Volta Redonda já não é o de antes. Vale o que está escrito, e a súmula mostra uma goleada impiedosa, com um Washington esplêndido.

Fomos atrapalhados pelo gol dos voltas, numa desatenção que não pode se repetir. Tomar um gol de bola quicada n’área seria motivo de derrota e crise, se tivéssemos levado primeiro que eles. Falha sim, mas num momento em que podia acontecer. Menos mal.
Eu não destacaria um jogador em especial nesta vitória expressiva, pois acho que o time foi dedicado e aplicado, mesmo com a exuberante partida de Washington. As entradas de Roger e Cícero foram boas. Foi uma vitória de coletivo. Entretanto, cabe a menção um jogador de alto nível técnico que não vinha conseguindo

mostrar o que sabe, e que fechou a partida com chave de ouro: Dodô. Sim, Dodô correu, passou, chutou muito, lutou e foi premiado a dez minutos do fim com um golaço, de artilheiro que sabe matar o goleiro. Um chute fortíssimo, que estufou o ângulo direito do goleiro do Volta Redonda, após dribles na direita da grande área. Um chute para desafogar mágoas. Tenho em mente a bela imagem que foi a do time inteiro vir em volta de Dodô para abraçá-lo; todos esperavam o primeiro grande gol dele com nossa camisa, e aconteceu. E ainda houve tempo para mais uma jogada fantástica dele ao fim do jogo, humilhando o zagueiro da direita e cruzando perigosamente. Agora, sim, vestiu de vez o manto Tricolor. Durante a partida, ao desperdiçar uma oportunidade, Dodô desabafou num rompante que perder aqueles gols tinha a culpa de alguma praga botafoguense, para fartos microfones abertos da imprensa, atrás dos gols - e hoje, alvinegros vociferaram alegando que o artilheiro tinha desrespeitado General Severiano. Para nós, Dodô mostrou, isto sim, um repertório de competência que foi coroado com um golaço – o resto é falácia.

Foi o quarto jogo em dez dias. Não fomos aprovados com honra ao mérito, mas a goleada, as boas jogadas e os vários lampejos de talento, principalmente no segundo tempo, sugerem que um Fluminense forte - mais forte do que nunca - pode estar a caminho. Assim como não jogamos bem com três atacantes no sábado, ontem tivemos excelente jornada no segundo tempo com o trio. E a imprensa esqueceu-se de que ainda temos Dario Conca para estrear.

Veremos o que nos espera pela trilha.

Errei o placar. Atirei no que vi, acertei no que não vi. A goleada é fato.

PASSATEMPO DE MARACANÃ
2007

Cheguei ao Maracanã por volta de sete da noite de ontem, ainda bem cedo para o jogo entre Fluminense versus Corinthians, que iria começar lá pelas dez da noite, tal como manda o catecismo televisivo.

Um ritual que tenho mantido há muitos anos, o de chegar cedo.

Gosto de adentrar o Maracanã silencioso, reparar as nuances do estádio; perceber o silêncio absoluto de um lugar onde, poucas horas depois, milhares de torcedores se esgoelam e, findo o jogo e estampado o "boa noite" nos telões, em minutos volta toda a calmaria de antes.

Celebrei um bate-papo com uma simpática senhora, aos pés da rampa do metrô, a rampa da UERJ, tudo minha velha casa, enquanto esperava o amigo Dória. Ela, a senhora, gosta do Thiago Neves. Respeitei. Tive mais cerimônia ainda quando ela comentou que tinha visto o título mundial do Fluminense no Maracanã, ainda garota - feitas as contas, cinquenta e cinco anos atrás. Está perto dos setenta. Aplaudiu o Telê. Viu tudo.

Antes da velhinha, foi divertido ver o carro de transporte de cargas vivas da PM, leia-se cavalos. Vários soldados apoiando pelas pernas um outro, que tentava sem sucesso abrir a porta-rampa para a descida dos bichinhos - que fique bem claro, os cavalos. Há tanto cheiro de desrespeito, corrupção e morte nos arredores da PM, que não deixa de ser interessante uma ação quase hilária da força policial para quem pôde ver.

Prestes a comprar o ingresso, nova piada. Veio o cambista, oferecendo o tíquete a quinze mangos. Doria mandou chamar o chefe dele ao longe e passou-lhe meia dúzia de safanões verbais: o cambista-mor não tinha lhe vendido ingresso do jogo de estréia do Engenhão, Fluminense versus Botafogo, por quarenta mangos. O atravessador considerou as palavras justas e, constrangido, cotou o ingresso a dez reais. Justiça social, se é que me entendem.

Adentramos o Maracanã. A eterna rampa, ladeira para caminho de glórias e dissabores, emoções de vida. Um frio cortante. Resolvemos, eu e Doria, dar voltas pelo corredor circular do estádio e manter o aquecimento, enquanto os Sussekinds não chegavam. Uma, duas, várias.

Quando finalmente acessamos as arquibancadas verdes, bem do lado da tribuna, veio-me um sentimento distante, de uns vinte e cinco anos precisamente, provocado pelo vazio do estádio. Era outro Fluminense e Corinthians, era 1982, era o Torneio dos Campeões vencido pelo América. O TC foi disputado antes da Copa do Mundo, e o Flu vivia mergulhado em crise: tinha sido "apenas" o quinto colocado do certame nacional, eliminado pelo Grêmio que viria a ser campeão do mundo no ano seguinte. E já estava há dois anos sem títulos. Ria você, que é jovem; naqueles tempos, era assim.

Enfim, veio o dito Torneio e a pequena torcida tricolor preparou nas gerais, hoje extintas, a cerimônia de "enterro" do então presidente Silvio Kelly. O Gonzalez estava lá, o Zezé, até o presidente Horta. Naquele dia, fui sozinho, meus amigos não quiseram ir; o ingresso era por demais barato, bebia-se mini-leite CCPL e o velho Geneal estava de pé. Mesmo com um caixão fake, foi a primeira vez que vi algo parecido com um enterro em minha vida, e tive medo. Era um sábado à noite, baixíssimo público e o Corinthians acabou vencendo por um a zero, cujo artilheiro não me lembro. De toda

forma, o futebol tem a velocidade horária de Mercúrio: menos de dois anos depois, os mesmos clubes estariam decidindo uma das semifinais do campeonato brasileiro - e o Flu venceria.

A dez minutos do jogo, devem ter chegado umas cinco mil pessoas, mais os dois Sussekinds, fato que espantou a hipótese de eu ver um jogo dos mais vazios de minha história esportiva. Lembro de três. O Fluminense vencendo o Americano por uma a zero em 1981, com uns 1.300 pagantes. Fluminense vencendo a Portuguesa de Desportos por dois a um, de virada, gols de Djair, pelo campeonato brasileiro de 1994 - e seiscentos pagantes. Teve também um América e Bangu, isso mesmo, muito vazio, 1982. Desse, não recordo.

O primeiro tempo foi melhor do que o segundo. Fizemos um belo gol com o Pantaneiro e poderíamos ter feito mais, não fossem a displicência tricolor e o bom goleiro corinthiano Felipe. Displicência. Estamos ainda lutando por uma colocação de ponta no campeonato, e isso é bom. Porém, quando o Corinthians empatou, em mais uma falha do goleiro Fernando Henrique, faltou força para reagir. Pontos perdidos, desperdiçados mesmo.

No fim das contas, o desempenho tricolor e a raça do limitadíssimo Corinthians foram os parâmetros para o empate final em um tento. Renato Gaúcho é um ícone do Fluminense, mas entendo que não foi bem nas substituições: quando colocou Gabriel, deveria ter deixado Fabinho - que, rara e incrivelmente, estava bem e com bom poder de desarme. Arouca veio mais para trás e isso tirou o arranque do time, sem contar a ausência de Thiago Neves, provocada única e exclusivamente pela mesquinharia que domina o empresariado do futebol. Perto do fim do jogo, juntos estavam o extenuado Alex, mais Somália, Soares e o repatriado Adriano Magrão - o quarteto não inspirava nem velocidade, nem toque de bola ou criatividade.

Durante o jogo, um torcedor perto de nós gritava a cada bola parada um "É gool! É gool!" de tal forma que parecia um cachorro em latidos profundos, ou mesmo o cantor de uma banda de death metal. Particularmente, acho que isso espantou o segundo gol de Laranjeiras. No mínimo, atrapalhou.

Estar desde já na Libertadores é um grandioso conforto. Contudo, podemos ir mais à frente. Podemos e devemos.

Quando o jogo acabou, eu pensei basicamente em duas coisas. Uma, o velório do Sílvio Kelly, e tudo o que veio depois daquele sábado à noite vazio no Maracanã, com derrota. Outra, o Fla-Flu. O clássico maior está perto, por muito perto.

Precisamos, como sempre, nos agigantar.

NOS TEMPOS DA LARANJA
2007

Domingo passado, repeti um velho ritual que me acompanha há cerca de trinta anos, que é o de ver o meu amado Fluminense no Maracanã. Mais de quinhentos jogos in loco. Comecei nisso em tempos onde ainda era criança de colo, e lá estou eu, por hoje, com meus cem quilos, nas velhas cadeiras e arquibancadas do quase sexagenário estádio.

De uns tempos para cá, virou moda falar mal do Maracanã. Tem que derrubar. É uma porcaria. Velho. Retocado de enfeite. Tudo balela de quem nunca viveu a dor e glória de uma vitória ou derrota no estádio.

Algumas cousas realmente mudaram. Umas para melhor. Outras, não.

Noutros tempos, eu, pequenino de metro e meio, criança imberbe, comprava facilmente num guichê o ingresso para a partida das cinco da tarde. Quando divulgavam o público, havia mais de cem mil pagantes. Reconheço que não havia televisão na concorrência dos jogos; contudo, seria fácil atrair o torcedor colocando ingressos mais baratos, acessíveis ao povo. E sem precisar de uma hora na fila. Basta organizar. E nada de sacanagem.

O futebol mudou muito, mas creio que, em alguns lances, é possível ver resquícios do que, um dia, foi o nosso grande amor, o nosso colosso da vida brasileira.

Acho o chamado Engenhão bonito, faceiro. Porém, quando não havia Maracanã, o palco carioca dos jogos era o belíssimo estádio de São Januário, até 1949. Em 1950, vieram a Copa e a tragédia

nacional que, em vez de nos soterrar para sempre, levou-nos aos cinco títulos mundiais. Seis, porque a seleção de 1982 foi mais campeã do mundo do que a Inglaterra de 1966 ou a Alemanha de 1990, por exemplo. Voltando, fizeram o Maracanã e então todos os clássicos daqui passaram a ter sua casa lá. Era outra estrutura e os jogos abarrotavam.

Hoje tem violência, tem ingresso caro, tem mau futebol. Mas ele, futebol, é amor do carioca. E não vejo sentido em se colocar clássicos, nossa marca bonita dessa cidade, em São Januário e nem no Engenhão. Jogo de cores e torcidas é no Maracanã, com todo respeito às arenas menores.

Outra coisa me chamou atenção, caminhando pelas cadeiras azuis.

Vinte e cinco anos atrás, a cadeira era mais cara que arquibancada. Ali, frequentavam os torcedores de "carro" e prestígio. Imagino que fosse o dobro do preço: eu, menino, economizava a mesada para ir em cima, ou na boa e velha geral, onde tantas gargalhadas dei.

Vi calmaria e civilidade, fluminenses e botafogos andando abraçados, brincando, sem essa coisa torpe de inimizade, de destruição. Maracanã é para gritar canções de amor, mesmo que tenha um palavrãozinho ou fânqui. Famílias, crianças, namorados. Uma coisa me faltou ali entretanto: pobre.

Falta pobre no Maracanã como antigamente, pobre de verdade e não classe média esmagada. O ingresso mais barato é de dez reais, e isso impede muita gente de ir. No tempo da laranja não era assim.

Meu pai me puxava pela mão. Vínhamos de Copacabana. Não sei ao certo a razão, mas tomávamos o trem na Central do Brasil.

Saltava-se em Derby Club. Rampa descida, com a multidão de gentes, ao pé do caminho tinha sempre o primeiro de muitos vendedores de laranjas. Você podia escolher: inteira, cortada ou descascada. Acho que as tarifas eram diferentes para cada caso.

No acesso à geral, era um verdadeiro mercado cítrico. Para todos os lados. Eu sempre dava a volta para chegar até a rampa do Bellini, e lembro de muitos geraldinos - apelido dos então frequentadores do setor - comprando as suculentas laranjas. Eu também pedia uma ao pai. Agora, não me perguntem porque laranja era coisa pobre naqueles tempos, pois hoje em dia é bem cara. E, justamente agora que ficou cara e, consequentemente, mais ao gosto do atual público do Maracanã, ela sumiu. Ninguém vende. Só churrasquinhos, cachorros podrões, cerveja e refrigerantes. Nada de fruta.

E, por faltar genuinamente a figura do pobre no estádio, mais o nefasto horário de dezoito horas e dez minutos, a nós imposto pela audiência televisiva da cidade de São Paulo, mais a dificuldade incrível de se adquirir ingressos no Maracanã, entraram trinta mil pessoas, umas vinte mil pagando, quando se podia ter oitenta mil.

Tem algo errado.

Parece a história do sujeito que chega no hospital público (pode ser privado também) com o braço quebrado e, para "salvar a vida do paciente", algum médico desses que gostam de festas na cobertura do Souza Aguiar diz:

- Amputa!

Em vez de trazer a torcida de volta para o estádio, cogita-se jogar num campo menor.

Sou justo. Os banheiros melhoraram, os assentos também. O telão é bonito, mas quase inútil, pois reproduz praticamente o que se passa no jogo. Ridículo é também quando escalam um jogador cuja "figurinha" não foi ainda entregue aos Suderjes. Resultado: nome do craque com uma cabecinha em branco, parecida com ausência de foto no Orkut.

Do jogo, falo pouco. Um massacre tricolor no primeiro tempo, digno de goleada histórica. No segundo, calmaria e um Botafogo apático a ponto de, na continuação da jornada, ter levado a chinelada ontem do River Plate na Argentina. Bons os Thiagos, mais o Silva. Não precisou muito, vitória justa de Laranjeiras.

Na saída, peguei meu táxi. E deu saudade danada de voltar ao Derby Club e, antes, comprar uma descascada laranja.

OUTRO 21 DE MAIO, O SHOW DE WALTER
2014

Há jogos que se tornam memoráveis mesmo que não sejam grandes decisões. Foi o caso de ontem: ficará para sempre. A noite em que o Tricolor demoliu o tricampeão do mundo no Maracanã monumental.

Veio bem menos gente do que das outras partidas recentes, donde se conclui que os ausentes foram tremendamente azarados: perderam a chance de ver ao vivo um dos grandes capítulos da história. O garotinho abraçado pelo pai à arquibancada nos grandes lances deste Fluminense x São Paulo nunca mais vai deixar de vir ao estádio: está condenado pelo amor e pela emoção por toda a vida.

Dois tempos bem distintos. No primeiro, o Flu enrolado, sem liga, passes errados, o São Paulo pintando e bordando com Pato e Ganso, cheios de espaço. Venceram com justiça. Tocavam com calma, aproveitavam as avenidas direita e esquerda da nossa defesa, Carlinhos em noite slow motion, desse tal de Wellington nem vou dizer nada. o goleirinho foi amigo, parecia nitidamente sem ritmo. Para piorar, lutamos muito para igualar placar, conseguimos e logo depois eles fizeram 2 x 1, Pato cabeceando livre e sozinho. Os amigos do Panorama do meu lado na arquibancada, houve quem dissesse estar tudo perdido – e estava mesmo – ou já queriam colocar a culpa no Catalano, nosso sócio vascaíno, pelo pé gelado na ocasião. Difícil pensar em como furar o bloqueio do Morumbi, típico do sr. Bola Pune.

ACONTECE que o craque ilumina, abre caminhos, acende a tocha da vitória. Foi a noite de Walter. Ele mudou o jogo quando acertou

a espetacular bicicleta que Ceni defendeu no início da segunda etapa. O São Paulo, verdadeiro hexacampeão brasileiro sem ágio, tinha acabado de chinelar um deslumbrado no domingo, sentiu o golpe. Um escanteio, dois, o gol contra de empate numa bobeada, a defesa claramente nervosa com a pressão. Lances de categoria. Bolas de primeira. Até chute do meio de campo com Ceni preocupadíssimo voltando para a meta. Walter arrasou.

Depois das intervenções do craque, a partida virou de vez: o Fluminense pareceu ter vinte jogadores em campo, ocupou todos os espaços e Walter, sempre ele, marcou um golaço, batendo de três dedos, a bola na costura da rede, Ceni nem se mexeu. Era o nocaute definitivo. Em vinte minutos, uma suposta derrota virou uma goleada retumbante. Wagner, caindo, aumentou. Sobis com faro de artilheiro completou num toquinho. Uma noite de glórias novamente num 21 de maio.

Jogadores como Diguinho, Wagner e Sobis foram monstruosos. Marlon entrou muito bem. Impressionante o poder de reação: o pior primeiro tempo da Era Cristóvão se tornou o resultado mais expressivo e impactante da mesma. Todo mundo abraçado, é claro que o Catalano tornou-se o maior pé-quente de toda a história do futebol. Já o Cláudio Kote abriu um sorriso de duas orelhas a duas orelhas no mesmo rosto.

Naquele outro 21 de maio, em 2008, enquanto a torcida do Flu chorava e ria por uma das maiores vitórias de todos os tempos, a minha tristeza era de morte pela despedida de meu pai, cerca de uma hora antes do jogo. Seu último gesto por aqui foi me pagar uma grana emprestada. Voltou para o quarto e caiu morto. Coisas da ética, da dignidade, hoje em dia tão raras ao ponto de tanta gente falsa distribuir abraços a quem quer vitimar. Aquela partida eu vi depois, ela foi bela e inconfundível, mas eu sinto o cheiro da morte em cada imagem do VT. Bela do mesmo jeito. Seis anos

depois, veio uma quarta-feira de novo, 21 de maio. A saudade e a dor são as mesmas, intocáveis, mas desta vez eu vi o jogo in loco, eu vi uma grande vitória, uma noite inesquecível e tudo leva a crer que tenha sido a mais justa homenagem merecida por meu pai. Não era a morte, apenas o caminho da eternidade. Agora sim, eu vi o que tanto precisava. Os clássicos são eternos.

Se você tem dúvidas do que aconteceu ontem no Maracanã, é só pesquisar nos alfarrábios: quantas vezes o tricampeão do mundo levou cinco tomates na sacola? É por aí. Eis o Fluminense de hoje, incansável até mesmo nas derrotas, implacável fazendo de jogos normais a mais pura crônica do Olimpo. A noite sequer acabou até agora. A bola pune? E como pune.

2010, DEZ ANOS DEPOIS
2020

Naquele Engenhão quentíssimo de 2010 vivi muitas coisas. Minutos antes do jogo, Paulo Cezar Caju estava tranquilamente em frente ao setor leste, de boné, sozinho e ninguém o reconheceu. Incrível.

Na verdade, vivíamos dois anos e meio de tensão, desde o vice na Libertadores. Lutas para não cair, duas salvações heróicas e, finalmente, a chance do título. Depois do gol de Emerson, a tensão permaneceu, mas desta vez contando os segundos para o fim do jogo e de uma espera de 26 anos – quando o Flu tinha sido campeão da Série A do Brasileirão pela última vez, eu era um adolescente cheio de sonhos e um torcedor que ria à toa com um time fantástico.

Do gol de Emerson ao fim do jogo levou umas quinze horas em vez de trinta e poucos minutos. Chorei, achei que fosse morrer, pensei nos meus pais, no meu irmão, na minha tristeza e me senti privilegiado em poder presenciar o Fluminense campeão outra vez – mesmo depois de tantas ocasiões, um novo título é sempre uma emoção. E então o jogo acabou. Ganhamos, choramos, nos abraçamos. Eu ainda tinha um motivo especial: no dia seguinte meu primeiro livro iria para a gráfica, contando a história daquele time campeão. Até hoje não sei explicar o que senti além de felicidade, mas sei que foi um dos grandes dias da minha vida.

Em plena arquibancada, entrevistei Letícia Spiller, gravidíssima, linda, simpática, inteligente. A arquibancada foi esvaziando, alguns torcedores a reconheceram e vieram correndo pedir autógrafos. Letícia atendeu a todos.

Depois do jogo caiu um temporal de lavar o Rio. Perdi dois celulares, levei cinco horas para chegar em casa, tudo na tempestade com um calor enorme. Comemorei por muitos e muitos dias. Aquela tarde de glória me levou a um caminho sem volta – e nele, o PANORAMA TRICOLOR.

Dez anos depois, o Fluminense ainda está muito longe do que sonhei naquele dia. Três grandes títulos entre 2010 e 2012 serviram de álibi para uma década quase perdida entre a mediocridade política, o casuísmo, muitas lutas contra o rebaixamento e nenhum outro título expressivo. Contudo, o amor e a torcida permanecem – são intocáveis, só que torcer não é abanar o rabo. Mesmo com todos os problemas de hoje, podemos sonhar com uma boa colocação – só que para um tricolor, o objetivo sempre deve ser o título.

Viva os campeões de 2010! Obrigado por tudo. Viva Berna, Gum, Carlinhos, Deco, Fred, Conca, Sheik, Muricy, Celso, Horcades, Alcides, todo mundo! Todo mundo. Viva os tricampeões brasileiros!

Não importa a ladainha dos peitos de pombo do clube e seus arredores, nem dos esparros da internet: a honra pioneira de contar a história daquela tarde, daquele ano e daquela época em livro é minha. Vale o escrito. Obrigado, Fluminense.

A MÁQUINA AVASSALADORA DOS ANOS 1930
2022

Depois de seu início fulminante em 1902, o Fluminense foi uma potência de conquistas no futebol por mais de vinte anos, atravessando as décadas de 1900 e 1910 com brilho intenso, chegando a 1924. Neste momento, aconteceu um grande período sem títulos, por onze temporadas. A partir de 1936, Laranjeiras viveu um dos seus maiores momentos de sua história, conquistando todos os campeonatos cariocas até 1941, com exceção de 1939.

Na Copa de 1938 na França, a primeira em que o Brasil brilhou e por pouco não ganhou seu primeiro título mundial, o Fluminense tinha cinco cinco jogadores na Seleção: Tim, Romeu Pelicciari, Hércules de Miranda, Machado e Batatais, o primeiro super goleiro tricolor desde Marcos Carneiro de Mendonça.

A coroação do multi campeão tricolor se deu em 1941, no famoso Fla x Flu da Lagoa, arbitrado por Juca da Praia. O Fluminense levou o título com o empate em 2 a 2. Uma lenda do Boitatá atribuiu a conquista tricolor a um festival de cera com diversos chutes na direção da Lagoa Rodrigo de Freitas, no melhor estilo "manga com leite mata", fato desmentido pelo escritor e pesquisador Roberto Assaf em seu livro "Fla x Flu". Assaf pesquisou oito jornais sobre o dia seguinte ao título e nenhum deles tinha a história da cera. Sérgio Britto, um dos maiores nomes do teatro brasileiro e super tricolor, viu a decisão no estádio do Flamengo e também desmentiu o fato: "Chega de conversa fiada. Foi uma bola, no máximo duas. Se passasse por cima do muro era água, não havia a pista da Lagoa, ora."

NA ESTRADA EM BUSCA DA TAÇA GUANABARA
2022

Saímos do Rio de Janeiro para Volta Redonda em busca da vitória que confirmasse a conquista da Taça Guanabara pelo Fluminense.

O tempo passou, o Campeonato Carioca foi esvaziado mas quem disse que não é importante ver uma volta olímpica. Então pegamos o carro e partimos para a estrada no sábado calorento.

Até nossa primeira parada em Piraí, ficamos a conversar por uma hora e meia exclusivamente sobre o Fluminense. Nada do presente, só o passado distante. Assim continuou até chegarmos ao Estádio da Cidadania. Depois encontramos amigos, pessoas queridas que nos prestigiam - Flávio e Giovanni foram gentilíssimos conosco - e vimos um Fluminense avassalador e definitivo no primeiro tempo, jogando seu melhor futebol na temporada. O título foi assegurado em menos de dez minutos com os 2 a 0 sobre o Resende, e os 4 a 0 finais poderiam ter sido 7.

Numa tarde em que a maioria do time esteve muito bem, é justo destacar Paulo Henrique Ganso por seu passes geniais. Como seria bom vê-lo na melhor forma, pois talento não lhe falta.

Felizes, fizemos uma excelente viagem de volta com a beleza do pôr do sol e a estrada tranquila. Antes, paramos no restaurante Mamão e encontramos Alexandre Vilella, Caio Barbosa, Leonardo Bagno, próceres tricolores de respeito. A estrada dá cancha. Foram mais duas horas de Fluminense, Fluminense, Fluminense em todas as falas e por todos os poros. Se fosse contar tudo o que conversamos, daria um bom livro, mas o que importa é que, além da Taça Guanabara, trouxemos para nós um sábado de amizade e camaradagem, um sábado onde só importava perseguir o time da

nossa infância e, de alguma forma, nos encontramos com o melhor do nosso passado. Isso tem a ver com nuvens espessas de pó de arroz, pilastras da rampa do Maracanã cheias de camisas e souvenires à venda, deliciosos campeonatos de botão numa casa onde os anfitriões nunca apareciam, amigos divertidos e inesquecíveis partidas de um time todo de branco ou com a camisa das três cores imortais.

No meio do caminho do Fluminense, surgiram algumas pérolas inevitáveis da conversa entre amigos. Por mais que não pareçam, elas são fruto direto do cotidiano tricolor, pelo menos de quem vive nisso há quarenta ou cinquenta anos. Elas falam de um jovem torcedor que, para defender sua turma num restaurante de estrada cujos donos mandaram bala literalmente, deu uns cinco tiros para não acertar ninguém mas acalmar a situação. Ou de um grande dirigente que pagou a uma torcida organizada para que ela fosse xingar um ex-dirigente em plena atividade alcoviteira num motel da Zona Sul. E um super goleiro que, subitamente apaixonado por uma lebre, pediu um vale transa para o mesmo dia do jogo em plena concentração, foi, voltou e fechou o gol no Maracanã garantindo o título? E um grande treinador que exigiu hotel quatro estrelas num dos momentos cruciais da história do clube, causando um rombo nas combatidas contas? Ah, um dirigente safado que entregou aos jogadores quase 40 cheques sem fundos às vésperas de um jogo que quase levou o Fluminense à morte?

O nosso time é fúria e folia, é céu e inferno, é delícia e caos. Ele foi construído e é mantido por seres humanos, com seus acertos e defeitos, suas contradições e, às vezes, hipocrisia. Contudo, estes erros sempre ficam abaixo de uma camisa legendária, que já recebeu sentenças de fuzilamento mas está aí, viva e atuante, bem perto de seus 120 anos.

Um dia a íntegra dessa viagem será contada em livro.

SOBRE O AUTOR

Nascido em 1968, Paulo-Roberto Andel é um dos autores mais publicados na literatura do futebol brasileiro do século XXI. Somados seus trabalhos solo e com parcerias, escreveu quase 40 livros de poesia, crônica, política, memórias e esportes, sendo 21 deles sobre o Fluminense e destes, os nove volumes da série Roda Viva estão disponíveis para download gratuito no site Panorama Tricolor. Paulo também é cronista do Correio da Manhã desde 2020, além de cronista colaborador do Museu da Pelada. Em 2020, concorreu ao Prêmio Oceanos Itaú Cultural com o livro "Um botequim de Copacabana". É biógrafo oficial do roqueiro Serguei.

VILAREJO METAEDITORA

LIVROS DE FUTEBOL ETC.